
ESTA PERSONAGEM, NILDA ALVES. Uma conversa com Regina Leite Garcia

Carmen Lúcia Vidal Pérez
Edwiges Zaccur

Apenas Nilda, para uma companheira de muitas décadas de militância; Nilda Alves, professora inesquecível para tant@s ex-alun@s; Nilda Guimarães Alves, para quem esteve com ela em Guimarães e testemunhou seu encantamento em reencontrar suas raízes em terras lusitanas; ou ainda Alves, Nilda, que se tornou personagem de referência bibliográfica obrigatória, a partir de uma brincadeira séria dos alun@s da primeira turma do curso de pedagogia de Angra dos Reis, talvez a partir do Iremar com o jornalzinho da turma, publicado a cada final de bimestre. O fato é que Nilda Alves, em seus múltiplos nomes e papéis, inclusive o de avó postiça de Clarice e Valentina, faz diferença por onde quer que passe.

Esse seu fazer diferença vem sempre atravessado por reflexões e problematizações. Resultado: o convite que Carmen recebeu de Inês Barbosa para escrever sobre Nilda não era tão simples assim. Carmen então sugeriu, e Inês aceitou de pronto, a ideia de fazer uma entrevista com Regina Leite Garcia, que conhece Nilda melhor que ninguém, de tanto que as duas já alavancaram propostas, já enfrentaram juntas embates acadêmicos e juntas produziram uma sucessão de textos importantes. Então, ficou decidido assim: o texto daria lugar a uma entrevista com Regina. De repente, a entrevista já pensada virou uma conversa, incluindo também Edwiges. Afinal, uma conversa sobre esta personagem, Nilda Alves, tinha tudo a ver com o modo de ser, fazer e pensar de quem aposta no coletivo e em práticas cotidianas que acionam o movimento de vários pensamentos.

Dito isso, vamos à conversa que resgatou um pouco da trajetória de Nilda, personagem instigante e seminal como poucos no cenário da educação brasileira. Personagem que continua sendo da UFF mesmo já tendo se aposentado; que é da Anped e de tantos programas de pós-graduação, e de escolas, das quais nunca se afasta, de grupos de militantes, pois não se tem notícia de um projeto do “eu sozinho” criado por Nilda. Se algo a caracteriza, seria a permanente ideia de coletivo. Antenada no futuro, sem perder o pé com o local; hoje está na Uerj, ainda que venha em breve a se aposentar, e para ela aposentadoria só poderia ser compulsória, há de sair permanecendo, pois com Nilda Alves, mesmo quando sai, deixa o rastro inapagável. Quando falou

que estava fazendo análise para se preparar para sair do palco provocou riso... Será que se aposentando, para Nilda, seria possível sair do palco? E alguém lhe permitiria sair do palco? Nilda longe dos coletivos que foi criando? Impossível, dissemos as três em uníssono.

— — — — —

Regina: Eu conheci a Nilda num encontro na Santa Úrsula, em que eu estava na mesa debatendo e ela no auditório lotado. Naquele tempo, Nilda era liderança da supervisão educacional e eu liderava a orientação educacional, dois grupos muito fortes politicamente, tanto que chamados a participar de todas as reuniões importantes que aconteciam seja no MEC, seja nas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, nem sempre concordantes, pois eram dois grupos que em certos momentos disputavam a hegemonia na escola, até que acordaram para a inevitabilidade de uma ação conjunta tendo o currículo como foco comum.

Pois bem, naquele encontro, no auge da discussão, melhor dito da briga, a Nilda se levanta, pega o microfone e faz uma intervenção belíssima, que vinha ao encontro de minha fala. Ao final do evento, a primeira vez que nos encontrávamos pessoalmente, aproximamo-nos e, a partir daquele encontro, iniciou-se uma parceria que se mantém até hoje.

Assim foi se concretizando uma forte amizade, que surgiu de nossa parceria, que resultava da nossa militância, eu militando pela orientação educacional e Nilda pela supervisão educacional. Foram as ideias que defendíamos e as ações políticas que desenvolvíamos que nos aproximaram. Afinidades eletivas, diria Goethe. Foi nossa luta comum por uma escola melhor, por um mundo melhor, muito antes do mote do Fórum Social Mundial “um outro mundo é possível”. Nós lutávamos ambas por um mundo melhor. Hoje, posso compreender o que uniu duas pessoas aparentemente tão diferentes de temperamento. Entre tantas questões mais, nos unimos na defesa da prática, tão desprestigiada por um certo academicismo conservador com capa de defensor da teoria, para nós, a prática como critério de verdade, a prática como construção epistemológica.

E, retornando a nosso primeiro encontro lá nos idos dos anos setenta do século vinte, encontro que começa a se delinear como parceria, que se mantém até hoje, e que se materializa naquele momento, já que ambas precisamos materializar nossos sonhos e nossas lutas, com a publicação do livro *O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores*, em que eu com as orientadoras escrevemos sobre o papel da orientação educacional e a Nilda com as supervisoras escreveram sobre o papel da supervisão educacional, juntas, mas separadas, não como hoje em que escrevemos, Nilda e eu, um mesmo texto juntas, embora como afirma a Carmen, para quem nos conhece bem, reveladores de quando uma fala e quando é a outra que fala. Aquele texto resulta de

nossa luta comum pela importância potencial da ação conjunta de SE e OE na luta por uma escola de qualidade social. Primeira luta comum seguida de tantas lutas comuns que foram nos aproximando e nos fazendo mais e mais amigas. Talvez por isso eu defenda o trabalho e a luta política como caminho para as amizades mais fortes, embora perigosas, pois às vezes há o perigo de descambar para a competição... pois não se trata de duas santinhas. Em nosso caso, pudera não, uma filha de Oxum e a outra filha de Iansã, uma virginiana e a outra taurina, e agora fechando um ciclo, a filha de Oxum se torna filha de Nanã, mãezona de todos, como Nilda consolida o que vinha se anunciando desde sempre.

Em 1985, eu me tornava professora concursada da UFF e a Nilda já lá estava antes de mim. Nós ainda vivíamos um processo de aproximação, já se anunciando uma interessante parceria eventual de trabalho. Em 1986, defendi minha tese de doutorado. E no dia seguinte à minha defesa de tese, Nilda me chama na coordenação do mestrado, onde ela já era coordenadora e à queima roupa me desafia: *“agora você vem para a pós-graduação”*. E lá fui eu para o quinto andar, onde a oposição afirmava ser o Olimpo. A Nilda havia assumido a coordenação do mestrado (naquela época só tínhamos o curso de mestrado) sucedendo o Jésus Alvarenga Bastos e dando continuidade ao importante trabalho de renovação. Lá já encontrei o que havia de melhor no mundo acadêmico, professores como Luiz Antonio Cunha, Gaudêncio Frigotto, Victor Valla, Célia Linhares, @s que de pronto me ocorre, comprometid@s tod@s com a qualidade do curso, e, para alegria minha, as reuniões que havia eram para discussões políticas, acadêmicas, de análise da conjuntura, sem perder tempo com coisas burocráticas, colocadas em seu devido lugar graças a um projeto político forte que alicerçava as questões burocráticas, sem que se precisasse perder tempo com discussões.

Ao entrar naquele mestrado, já o encontrei como referência nacional. Sob a coordenação da Nilda nosso programa foi aprofundando nossa opção político-epistemológica e consolidando nosso compromisso com os movimentos sociais e com a escola básica.

A convite de Nilda, eu entrei na pós-graduação sem saber muito bem como tudo aquilo funcionava. Entrei sem nenhuma burocracia. Não havia essa coisa de se candidatar, de se credenciar, de comprovar produção. Não, você era convidad@ a participar da pós-graduação a partir do critério da repercussão social, política e acadêmica que chegava antes de você, era convidado em função de sua obra, se assim se pode denominar a sua história.

Mas antes de participar daquele coletivo não sabia bem o que encontraria. Só vivendo o processo é que fui entendendo como funcionava a pós-graduação. Na época, minha ignorância era tal que eu achava que o mestrado não tinha nada a ver com a Faculdade de Educação. As coisas iam me sendo reveladas aos trancos pela Nilda que, como já disse, no dia seguinte ao meu doutoramento

me aborda dizendo à queima roupa: “*agora você vem para o mestrado*” e eu digo “*então eu vou*”.
Simples assim...

Edwiges: Naquela época as agências de fomento ainda não funcionavam tão marcadamente sob a lógica da produção capitalista e não existia esta paranoia produtivista disseminada na pós-graduação entre professores, alunos e programas. Bastava ter público e notório saber.

Regina: Exatamente. Não havia essas besteiras de seleção, comprova isso, comprova aquilo... sem nenhum critério a não ser o quantitativo, como hoje. As reuniões do colegiado eram espaços importantes de discussão política e de debate acadêmico. Uma reunião coordenada pela Nilda, você pode imaginar que jamais seria para tratar de questões burocráticas. Eram reuniões em que discutíamos estratégias políticas, o que fazer, por que fazer, como fazer, com quem fazer. Eram reuniões em que se delineavam estratégias de ação futuras, e essa é uma característica da Nilda – pensar mais à frente, pensar no futuro, não se deixar amarrar e não se perder nas e pelas pequenas demandas do presente. Essa é para mim uma grande qualidade da Nilda. Uma marca de sua personalidade e uma forma de viver – colocar-se à frente de seu tempo, projetar o futuro, mobilizar o coletivo e fazer acontecer. Sempre. E quando sai, por qualquer razão, deixa um rastro que eu nunca vi apagar.

Edwiges: Essa marca voltada para a transformação é tão forte que, ao chegar à UFF para cursar o mestrado, encontrei uma efervescente disputa pela Direção da Faculdade. A chapa da Nilda, se bem me recordo, trazia o “*fazendo acontecer*” como bandeira de sua campanha eleitoral para direção da Faculdade de Educação. A vitória da chapa, em disputa acirradíssima e num clima político efervescente e tenso, expressa bem essa característica da Nilda de estar à frente de seu tempo. Não por acaso, alun@s da graduação e do mestrado entraram de cabeça na campanha que anunciava mudanças.

Regina. E tem outra qualidade que admiro muito na Nilda: sua visão institucional, que eu não tenho e nunca me senti movida a procurar tê-la e que há de ser o meu lado anarquista, embora hoje tenha clareza da importância do bom uso que Nilda faz desta visão institucional. Vivemos juntas inúmeras situações em que ficou claro o seu compromisso institucional e o meu desprezo por uma certa subserviência ao poder institucional, cada vez mais presente na universidade brasileira, o que é muito diferente do uso que Nilda faz do institucional.

Tem outra característica da Nilda que muit@s compreendem mal e só o tempo e a convivência me fizeram compreender. A Nilda não tem inimigos, embora na luta política, quando as oposições se manifestam, possa ser mal-compreendida pel@s que se colocam em oposição à sua

posição ou aos quais ela possa se opor, uma aparente inimizade, que se devem apenas à sua forma de luta. Passada a luta, acaba a aparente inimizade, pois para ela, o “inimigo” de hoje não é o inimigo para sempre, apenas parte da luta política, em que uns se colocam em campos diferentes de outros.

Para Nilda, as ideias é que brigam, não se tratando de gostar ou não gostar de alguém. Daí que ela não guarda rancores, não fecha portas definitivamente, deixando sempre as portas entreabertas, permitindo-se muitas vezes se surpreender pelo futuro. O mestrado, a mudança curricular, o doutorado, tudo isso se deu na UFF a partir de discussões muito ricas.

Carmen: Eu fui aluna desse mestrado no período da Nilda como coordenadora. E considero que para nós daquela geração foi um privilégio, um período muito especial de nossa formação: a oportunidade de viver esse clima, de ter uma opção altamente qualificada política e epistemologicamente nas disciplinas oferecidas. A oferta de disciplinas no curso de mestrado era um verdadeiro banquete. Eu fiz o mestrado em três anos e meio, com bolsa Capes (com duração de três anos podendo ser renovada por mais seis meses, trabalhava e tinha bolsa). As coisas eram diferentes naquele momento – e, me lembro da disputa para conseguir vagas nas disciplinas –, pois além de tudo as turmas não eram superlotadas, no máximo dez alunos por turma. Era uma delícia estudar com Nilda, Regina, Gaudêncio, Célia, Luiz Antônio, Valla, etc. Só consegui fazer um estudo independente com o Valla no último semestre de curso. Vivíamos intensamente o ambiente acadêmico. Considero nossa geração privilegiada nesse sentido. E você falou do compromisso institucional e da visão de futuro da Nilda, eu concordo totalmente com você, Regina. Uma das marcas que a Nilda imprimiu ao mestrado e que permaneceu por muitos anos, para além de sua coordenação, mas que começou com ela, era a formação de quadros qualificados política e academicamente para o ensino superior.

Regina: Uma das características da Nilda que mais admiro é seu compromisso com o coletivo. Eu acho isso fascinante. Eu gostaria de falar sobre como ela compreende o trabalho coletivo. Essa é outra marca forte da Nilda. Desde que a conheci essa característica da Nilda sempre me fascinou. Ela me contou uma história, que me encanta, sobre sua compreensão de trabalho coletivo. Ela me dizia que aprendeu a importância do coletivo, quando ainda criança: ela, os irmãos e primos se encontravam na casa da avó, que fazia goiabada em casa. Eles corriam pela casa, entravam na cozinha e ao passar pelo fogão com o tacho de goiabada cozinhando, ao passar, cada um pegava a colher grandona, dava uma paradinha, dava uma mexida na panela, e continuava a correr. E assim cada um se sentia tendo contribuído para fazer a tão gostosa goiabada. Não ficava ninguém “tomando conta” e mexendo a goiabada. Apenas alguém, possivelmente a avó, colocava a

panela com a goiaba no fogão, que passava a ser responsabilidade de tod@s “mexer a goiabada”, então cada um que passava pela cozinha em qualquer momento ia lá e dava sua mexida na goiabada. Virava uma goiabada coletiva. Essa imagem surge da narrativa da Nilda, me contando pela primeira vez, como ela aprendeu a importância do coletivo. Pode haver imagem melhor que essa de trabalho coletivo? Crianças correndo e brincando que, ao passar pela panela, paravam, mexiam a goiabada e voltavam à brincadeira?

Essas histórias, absolutamente fascinantes, traduzem essa, também fascinante, personagem, Nilda Alves. Elas nos mostram sua compreensão do coletivo, apesar de ser uma pessoa competitiva, e isso é que é fascinante. Eu não vou dizer que ela não seja competitiva, porque ela é. Nem vou dizer que eu não seja competitiva, porque também sou. Mas eu ainda não era amiga dela, estávamos nos aproximando, nos tornando parceiras, cúmplices e no processo e com o tempo, amigas. Até então era assim: ela me chamou para o mestrado, lá fui eu, sem saber o que tinha que fazer, eu não sabia nada, nem ela me disse. Eu cheguei lá, fiquei meio perdida e era assim que Nilda fazia as coisas: você entrava ou não entrava nunca mais! E lá estava eu naquelas reuniões. No dia seguinte da minha entrada no mestrado, a Nilda diz assim para mim: “*agora vai fazer uma pesquisa, né?*” e eu lá sabia o que ela estava querendo dizer com “*agora vai fazer uma pesquisa*”. Para ela, era óbvio, para mim não! “*Vai fazer um projeto de pesquisa e pedir uma bolsa para o CNPq!*” Foi assim que me tornei bolsista do CNPq. Eu fiz o projeto, sem conhecer as normas do CNPq, enviei para o CNPq pelo correio, fui aprovada e iniciei a pesquisa *Alfabetização das Crianças das Classes Populares*. E desde 1988, tenho bolsa de pesquisador do CNPq. Tudo isso só aconteceu porque a Nilda virou-se para mim e disse: “*agora vai fazer uma pesquisa*”. A Nilda tem isso. De repente, do nada ela vira-se e diz “*agora vai fazer isso*”. E quem para pra pensar, perde o bonde, pois ela já estará planejando outra coisa.

Edwiges: Daí aquele lema da campanha eleitoral da Nilda para a direção da Faculdade de Educação da UFF: “*fazendo acontecer*” ter repercutido tanto. Mais do que um lema era mesmo uma síntese da própria Nilda, uma verdadeira locomotiva a gerar propostas, congregar em torno delas e liderar movimentos de mudanças ...

Regina: Isso é bem a Nilda!

Edwiges: Regina, você sublinhou esse fazer coletivo. Mas fale um pouco sobre essa parceria de vocês duas na produção de textos. Lendo-os e conhecendo cada uma é possível identificar no texto quando é Nilda ou Regina quem está falando. Mas o texto não é recortado, pelo contrário é fluido, limpo, encaixado. Um leitor que não as conheça não percebe as nuances e as diferenças de vozes. Mas tudo isso está ali, ao mesmo tempo, conferindo ao texto o dinamismo do movimento de

pensamento de uma alimentando o pensamento da outra. Fico me perguntando como é que vocês duas conseguem isso?

Carmen: Isso é muito difícil! Mas essa é uma aprendizagem que os textos de Regina e Nilda vêm me proporcionando. Eu tenho muito mais prazer em produzir textos em parceria, embora seja um desafio. Não é fácil! Vou falar por mim, eu acho que só se consegue produzir textos em parceria quando, além da comunhão de ideias e concepções, existe confiança, quando de fato o texto resulta de uma parceria, porque não se trata de recortar o texto, agora sou eu, agora é você. Não, o desafio da escrita em parceria é, sem apagar as marcas das singularidades de cada uma, afinar e refinar o tom, de forma que escrita e vida ganhem materialidade no texto e isso vocês fazem muito bem. É evidente a parceria intelectual, a afinidade de pensamento e dos modos de (vi)ver a educação, a cumplicidade e a implicação política e epistemológica. Fala um pouco desse processo de produção compartilhada.

Regina: Eu quero falar sobre os nossos textos e nossos livros. Quando nós passamos a escrever juntas, cada vez nos aproximávamos mais, pois você vai aprendendo a conhecer o que o outro pensa. Botávamos o gravador, em geral esses encontros eram lá em casa, e começávamos a conversar sobre o tema que iríamos tratar no texto, discutíamos a respeito, trocávamos opiniões, debatíamos nossas ideias, nossos pontos de vista e concepções e o gravador registrando tudo. Ou seja, antes de escrevermos um texto, falávamos o texto. Quando considerávamos já estar pronto, a Nilda pedia para uma de suas bolsistas transcrever essa nossa conversa. Fazíamos uma leitura do material transcrito e aí cada uma, transformava aquela conversa num texto. Com isso, fomos estabelecendo uma parceria intelectual que se transformou numa grande amizade. Desenvolvemos a capacidade de aceitar naturalmente, que cada uma mexesse no texto onde achasse necessário. Não tínhamos aquela coisa de tomar cuidado, de ter cerimônia com o que a outra escreveu, não! O texto é nosso, escrito a quatro mãos....

Edwiges: Algo parecido acontecia das disciplinas que vocês propunham juntas em que prevalecia o princípio dialógico. Ainda me recordo daquelas aulas com Regina e Nilda. Como sempre, me senti atraída pelo discurso, no sentido de algo que está em curso, que toma desvios, que encontra incursos e recursos, era fascinante ver as duas naquele exercício de provocações ao pensamento, um verdadeiro “me cutuca, te cutuco”. Quem quisesse e pudesse poderia perceber divergências convergentes de ideias em que o mais importante, descobri mais tarde, não era dar a última palavra, mas continuar a problematizar para aprofundar a discussão....

Regina: É interessante observar como isso foi se acentuando. À medida que nos aproximávamos e que consolidávamos nossa amizade, mais facilmente conseguíamos produzir

textos em parceria. Escrevíamos de forma muito natural, estávamos sempre à vontade uma com a outra; eu não tinha nenhum cuidado especial com o que ela escrevia, nem ela com o que eu escrevia, mexíamos na escrita uma da outra e nos misturávamos no texto. É um processo muito rico, fruto de uma longa convivência!

Carmen: Isso era assim também nas aulas. Eu fui aluna das duas. Era impressionante! As diferenças ficavam evidentes, mas o que marcava as aulas eram as semelhanças. Como vocês duas falavam a mesma coisa a partir de pontos de vista tantas vezes totalmente distintos.

Edwiges: Era uma verdadeira tempestade de ideias, que nem sempre nós, alun@s conseguíamos acompanhar, tão diversa era de outras práticas docentes. Já do meio para o fim do semestre, lembro-me de uma conversa de corredor em que o grupo já começava a se preocupar com a avaliação. Daí alguém falou algo assim: “É muito interessante fazer uma disciplina com Nilda e Regina, mas eu não sei dizer exatamente o que aprendi, e quando elas propuserem o trabalho final?” Ocorre que o trabalho final, também não tinha a ver com reproduzir o que fora discutido, mas continuar levando a discussão para onde cada um e cada uma quisesse, como se a aula continuasse.

Regina: Essa é mais uma característica de nossos textos, eles tem ponto final, mas não acabam, ou melhor, acabam porque colocamos ponto final, mas não estão concluídos. Nunca tem conclusão em nossos textos.

Edwiges: Os textos terminam, mas a discussão não acaba, tem que continuar....

Regina: Pensando sobre isso, agora, eu percebo que isso ocorra talvez por que nós temos em comum a prática como referência à produção da teoria: nosso interesse teórico está associado à prática, a gente precisa da materialização prática, não concebemos a teoria antes da prática, pelo contrário, é a materialidade da prática que nos coloca questões, desafios, que nos impulsionam a pensá-la teoricamente.

Edwiges: Essa defesa intransigente da prática num reduto onde até então era incontestável a hegemonia da teoria foi tão importante que mudou a cara do mestrado. Penso que aumentou consideravelmente a presença de mestrandos e depois de doutorandos que traziam uma longa reflexão a partir de sua inserção na escola.

Regina: Uma coisa é hoje, a Nilda na Uerj e eu na UFF. Mas, eu gostaria de ressaltar um aspecto importantíssimo de nossa vida profissional que vivemos juntas na UFF. A perspectiva institucional e a visão da Nilda. Se o curso de pedagogia de Angra dos Reis foi nacionalmente reconhecido como referência de formação, isso se deve exclusivamente a Nilda Alves. Se dependesse de mim, o curso nunca teria sido aberto. Existe uma diferença marcante entre nós: como

a Nilda tem uma grande visão institucional, ela valoriza e luta pelo fortalecimento do espaço institucional, ela aceita “pagar o preço” – ela vai, faz, propõe e negocia institucionalmente. Eu não tenho essa característica, nem esse compromisso institucional. Se fosse por mim, o curso de pedagogia de Angra dos Reis talvez não tivesse ganhado dimensão nacional – imagina se eu iria permitir que a representante do MEC fosse avaliar o curso. Isso aconteceu por mérito e esforços da Nilda.

Hoje, ao olhar para trás, eu vejo a importância que teve esta ação institucional da Nilda. Hoje eu compreendo o empenho da Nilda em lutar pelo reconhecimento do curso de pedagogia de Angra dos Reis pelo MEC. Na época, isso não me interessava nem um pouco. Eu gostava sim, de irmos para a Anped e falarmos e pormos em discussão o curso de Angra. Mas a Nilda, além disso, também lutava pelo seu reconhecimento, mesmo tendo que “engolir” a avaliação do MEC. Eu me interessava por buscar sempre novos caminhos, perseguir sempre a coerência teórico-metodológica, era isso que me interessava, e a Nilda também, nós lutávamos cotidianamente por isso, mas ela ia além pois também lutava institucionalmente pelo reconhecimento do curso.

Edwiges: Sobre a coerência teórico-metodológica do curso, vale recordar as reuniões do curso de Angra em que pouco ou nada havia de burocracia. O foco da discussão estava no que estava sendo feito, no que nos instigava a problematizar – como por exemplo as avaliações que reuniam professores do módulo e outros que iriam começar o seguinte, o conjunto de alun@s. Priorizava-se pensar o fazer e a teoria que embasava o fazer, a par de discussões de cunho institucional.

Regina: Eu, por exemplo, não tinha o menor interesse nessa última discussão. No que se refere ao fazer e ao pensar, nós duas de fato estávamos juntas, mas no que se refere à consolidação nacional do curso de pedagogia de Angra dos Reis, esse mérito é todo da Nilda. Com toda certeza, sem a Nilda o curso não teria ganhado a força institucional que ganhou.

Edwiges: Eu penso que foi e continua sendo da maior importância a questão da professora-pesquisadora que terminou atravessando a mudança curricular com a inclusão da pesquisa e prática pedagógica em todos os semestres do curso de pedagogia. Em vez de repassar técnicas, você e Nilda trataram de propor, não sei por iniciativa de uma ou de outra, ou das duas, a construção de uma práxis em que teoria e prática se interpenetram: a práxis da professora-pesquisadora.

Regina: Eu não posso falar se fui eu ou Nilda, nem jamais houve entre nós a luta por saber quem foi a autora, num processo reconhecido por nós como coletivo. O que eu posso falar é que, inevitavelmente, duas pessoas que (vi)vem a prática como criação teórica, que têm suas raízes na

escola, que defendem a escola como espaço de produção de conhecimento, não podíamos ter outro olhar, que não o olhar cúmplice com o fazer, o saber e o pensar das professoras. E isso é comum a nós duas. E, na medida em que íamos avançando na discussão teórica fomos fazendo outras e novas descobertas como a prática como critério de verdade – era esse Marx que nos inspirava.

Outro aspecto, que foi aos poucos se delineando para nós é que, só posso contribuir para que as crianças aprendam e, esse é um compromisso político nosso, se eu entender como elas aprendem e isso eu só vou aprender com as próprias crianças, ou melhor com minhas experiências com as crianças, caso contrário, a aprendizagem é apenas efeito do bom ensino e caberia à professora adquirir a competência de ensinar, o que além de empobrecer, limita a ação da professora. Me parece que o conceito de professora-pesquisadora foi se delineando dessa forma, até chegar à concepção que defendemos hoje.

Carmen: Edwiges, lembro que você e Teresa Esteban escreveram um artigo sobre a formação da *professora-pesquisadora* “convidadas” ou melhor convocadas pela Nilda. Depois, esse artigo deu origem a um livro da coleção *O sentido da escola*, que Nilda e Regina organizaram. Fala um pouco disso, desse artigo, de sua repercussão na época e de sua concepção de formação docente.

Edwiges: Eu até levei um susto, quando recebi o convite de Nilda, com jeito de convocatória, para escrever o artigo em parceria com a Teresa. Depois compreendi que era na condição de professoras pesquisadoras que tomamos a palavra. Tínhamos muito presente o tempo que passamos na escola, vínhamos de concluir o mestrado, de prestar concurso para a UFF e nos tornarmos professoras onde há pouquíssimo tempo éramos alunas. Nossa entrada na academia incluía assumir necessariamente o compromisso de escrever, e nesse texto, coerentemente, deveria ecoar a nossa práxis de professora-pesquisadora. O texto mimeografado circulou em Angra e em Niterói por um bom tempo, até que Regina e Nilda nos colocaram diante de mais um desafio: a organização de um livro, tendo por temática a professora-pesquisadora. Nesse livro, reunimos além daquele nosso artigo primeiro, um de Regina e Nilda dialogando sobre a construção da professora-pesquisadora, a par de artigos de duas orientandas nossas, estendendo o processo de formação de quadros, de Regina e Nilda, em relação a nós duas, ao que já principiávamos a fazer em relação a nossas orientandas; além de estender o diálogo para mais longe, convidando autores conhecidos nacional e internacionalmente. E foi assim, reunindo pesquisadores de renome e pesquisadoras que nasceram da condição de professoras-pesquisadoras, que o livro *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção* foi publicado dentro da série *O sentido da escola*, coordenada por Nilda e Regina.

— — — — —

Nós abrimos esta conversa a três nos referindo à Nilda como uma fascinante personagem, com a qual temos convivido, aprendido e ensinado, pois aprendemos juntas que só ensina quem aprende ao ensinar. Recordamos um pouco do muito que compartilhamos, ao sabor de acontecimentos significativos para nós, e do que a memória de uma acionou a das outras. E mais, vivemos juntas a deliciosa experiência do saber com sabor, pois foi mais uma vez saborosa a nossa conversa sobre quem tanto amamos, admiramos, e sabemos que não sairá de cena pois ingressará na “idade da sabedoria” e terá muito ainda e sempre a contribuir na construção coletiva do conhecimento.

RESUMO

Apenas Nilda, para uma companheira de muitas décadas de militância; Nilda Alves, professora inesquecível para tantos ex-alunos; Nilda Guimarães Alves, para quem esteve com ela em Guimarães e testemunhou seu encantamento em reencontrar suas raízes em terras lusitanas; ou ainda Alves, Nilda, que se tornou personagem de referência bibliográfica obrigatória, a partir de uma brincadeira séria dos alunos da primeira turma do curso de pedagogia de Angra dos Reis, talvez a partir do Iremar com o jornalzinho da turma, publicado a cada final de bimestre. Nilda Alves, em seus múltiplos nomes e papéis, inclusive o de avó postíça de Clarice e Valentina, faz diferença por onde quer que passe. Esse seu fazer diferença vem sempre atravessado por reflexões e problematizações. O presente artigo é uma conversa sobre esta personagem, Nilda Alves. Sobre seu modo de ser, fazer e pensar de quem aposta no coletivo e em práticas cotidianas que acionam o movimento de vários pensamentos. Nossa conversa buscou resgatar um pouco da trajetória de Nilda, personagem instigante e seminal como poucos no cenário da educação brasileira, grande amiga e sempre mestra.

Palavras-chave: Cotidiano; Coletivo; Singularidade.

ABSTRACT

Just Nilda, as a companion of many decades of militancy; Nilda Alves, a unforgettable teacher for so many former students; Nilda Guimarães Alves, for those who were with her at Guimarães and witnessed her excitement as she rediscovered her Portuguese roots; or Alves, Nilda, who became a mandatory name in bibliographical references, based on a serious game played by the initial class of the Angra dos Reis Teaching Course, perhaps through Iremar with the class newsletter, published every two months. Nilda Alves, with her many names and multiple roles, including that of surrogate grandmother to Clarice and Valentina, made a difference wherever she went. Her way of making a difference has always been pierced by reflections and concerns. This paper is a conversation about this character, Nilda Alves. About her way of being, doing and thinking, of someone who wagered on the collective and daily practices that drive the movement of various thoughts. Our conversation sought to retrieve part of her trajectory, a provocative and seminal character who is almost unparalleled in the world of Brazilian education, a great friend and always the master.

Keywords: Everyday; Collective; Singularity.

*Recebido em: agosto de 2012
Aprovado em: setembro de 2012*